



Fé & Nexo

Informação e reflexão para o povo metodista

Descoberta de tumba não abala fé cristã

João Batista,
o profeta precursor
Estudo e Reflexão

24 de maio:
experiência religiosa
de John Wesley e
dia do Metodismo

Missões

Susana Wesley:
modelo de mãe,
esposa e serva
de Deus
História Viva



Depois do reboliço causado pelo fictício texto do Código da Vinci, novas especulações tentam desfazer as crenças da Igreja

Departamento Nacional de Trabalho com Crianças lança mais um CD



Foi lançado no dia 16 de março na Sede Nacional da Igreja Metodista, em São Paulo, o CD “Evangelho, Convite pra Paz”. O lançamento aconteceu durante a reunião do Departamento Nacional de Trabalho com Crianças (DNTC) da Igreja Metodista.

O CD traz 27 músicas para crianças, em sua grande maioria, compostas nas quatro Oficinas Nacionais promovidas entre 2000 e 2004 pelo DNTC com a finalidade exclusiva de produzir músicas para crianças. Também estão no CD outras canções gentilmente cedidas, entre as quais “Oração e Trabalho” (de Zeni Soares e Flávio Esvael), “Canto do Povo Reunido” (de Ernesto Barros Cardoso), “Mudança” (de Ernesto Barros Cardoso, Déa Cristiane Kerr Affini, Eder Souza, Darlene Schutzer e Tércio Junker), “Escola Dominical” (de José Milson Fabiano) e “Muito Melhor” (de Rute Noemi de Souza).

São canções para toda a família e toda a igreja, com ritmos e temas bem variados. O CD foi gravado num estúdio no Rio de Janeiro sob a responsabilidade de Else Vergara, musicista e membro da Congregação Metodista do Grajaú, no Rio, e estará sendo vendido na Sede Nacional da Igreja e na Editora Cedro. Os interessados devem entrar em contato pelos telefones (11) 6813-8600 e (11) 6813-8626.

CONECTADOS COM O MUNDO

Chile

A Federação Metodista de Homens do Chile esteve reunida na cidade de Arica, durante mais um Congresso Nacional, realizado de 24 a 28 de janeiro. Os bispos Neftalí Aravena e Isaías Gutierrez estiveram participando do Congresso nos cultos de abertura e encerramento. A ênfase do encontro foi a missão e a devocional de abertura abordou o tema “Não temas, desde agora serás pescador de homens”.

Panamá

No dia 20 de janeiro, o bispo Pablo Morales foi reeleito em primeiro escrutínio, durante a XVII Assembléia Geral da Igreja Metodista no Panamá. A eleição foi presidida pelo bispo Jorge Bravo, da Igreja Metodista no Peru e representante do Ciemal. Em seguida, impôs as mãos sobre o bispo

reeleito, junto com todos os presbíteros presentes, para consagrá-lo. O bispo Pablo Morales é ainda presidente do Comitê Ecumênico do Panamá, que nos últimos anos tem defendido diversas causas em favor do povo panamenho, como Seguro Social e sistema de Pensões do Estado. O tema da XVII Assembléia Geral foi “Senhor, mostra-nos seus caminhos, guia-nos com tua justiça, unifica-nos com teu espírito”.

México

A Igreja Metodista no México, através de sua Comissão Nacional de Assuntos Migratórios, presidida pelo pastor Felipe de Jesus Aguilar organizou, no dia 18 de fevereiro, a celebração do Dia do Imigrante. Durante os cultos neste dia, foram feitas orações pelos imigrantes e foi levantada uma oferta para a missão realizada entre pessoas que se en-

contram nesta situação. A Igreja Metodista mexicana tem uma preocupação pastoral especial pelas milhares de pessoas que todos os anos arriscam-se a cruzar a fronteira com os EUA e por isso tem emitido importantes documentos em defesa dos direitos e da vida dos imigrantes.

Argentina

A V Assembléia do Conselho Latino Americano de Igrejas (Clai) esteve reunida nos dias 20 a 24 de fevereiro, com o tema “A graça de Deus nos justifica, seu espírito nos liberta para a vida”. A programação foi aberta a todo público, durante as manhãs, com estudos bíblicos e fóruns teológicos, e à tarde, com as sessões da Assembléia. Cerca de 600 pessoas participaram do encontro, que contou ainda com um ato no obelisco da cidade. Na ocasião, foi apresentado o Currículo da Paz, como con-

tribuição do Clai para o projeto Década para Superação da Violência, do CMI. O Ciemal esteve presente à Assembléia, com um stand para divulgação de seus projetos. A Assembléia abriu ainda um espaço para a participação de jovens da América Latina.

Jamaica

A Jamaica será a sede da celebração do 40º aniversário da autonomia da Igreja Metodista no Caribe e Américas. O evento acontecerá nos dias 21 a 29 de maio. O movimento metodista chegou ao Caribe em 1760 através do advogado Nathanael Gilbert, que conheceu o Evangelho em Londres escutando pregações de John Wesley. Sua congregação foi formada pelos escravos de suas plantações de café e cana de açúcar na ilha de Antigua, atualmente sede central da Igreja.

Sumário

CAPA: Descoberta de tumba não abala fé cristã

Ao produzir um documentário a respeito da descoberta da possível tumba de Jesus Cristo, o cineasta James Cameron (diretor de Titanic), junto com o jornalista e cineasta Simcha Jacobovici, levantou mais uma polêmica envolvendo questões relacionadas aos fundamentos da fé cristã. No entanto, a partir de uma análise do próprio documentário e embasado na Bíblia, Marcelo Carneiro, supervisor da área de Bíblia da Coordenação dos Núcleos, professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da UniBennett e pastor da Igreja Metodista do Lins, dá uma resposta à questão, enumerando alguns equívocos e provando que essa descoberta não abala a fé cristã. “Nosso Senhor Jesus ressuscitou em carne e está assentado à destra do trono de Deus, conforme declaram as Escrituras, o Credo Apostólico e nossa doutrina. Se cremos nisso, é nessa convicção que devemos andar”, afirma.

Conectados com o mundo 2

Carta dos Leitores 4

João Batista, o profeta precursor 5

Estudo e Reflexão

24 de maio: dia da experiência religiosa de John Wesley e do Metodismo 8

Missões

Susana Wesley: modelo de mãe, esposa e serva de Deus 13

História Viva

Revista da Igreja Metodista no Estado do Rio de Janeiro



Expediente

Bispo da Primeira Região Eclesiástica
Paulo Lockmann

Conselho Editorial

Ronan Boechat de Amorim – coordenador, Luiz Daniel Nascimento, Marco Antonio de Oliveira, Alexandre Pereira e Pablo Massolar

Editora e jornalista responsável

Nádia Mello (MT 19.333)

Assistente de redação

Beatriz Rocha

Capa

Editoração Eletrônica

Olga Rocha dos Santos

Circulação: 10 mil exemplares

Esta publicação circula como suplemento do **Jornal Avante**, não sendo, portanto, distribuída separadamente.

Calendário Litúrgico

Abril – Maio

Páscoa (5ª estação)

Período: 50 dias a contar do domingo da Ressurreição, quando tem início o período de Pentecostes.

Cor litúrgica: branca

Temas básicos: Semana Santa – última ceia e paixão de Cristo; Ressurreição – ascensão de Jesus.

Símbolos litúrgicos: peixe, círio pascal, trigo, pão, cálice de vinho, cruz e túmulo vazios.

Leituras bíblicas: Jo 14 a 16, At 1.

Leituras bíblicas: Ex 34.28, 1 Rs 19.8, Jn 3.5-6, Mt 4.1-11, Mt 6.2-7, Mt 6.16-18, Mt 17.13.

Marcos, histórias e reflexões

Você tem em mãos a revista Fé & Nexo, edição de abril e maio de 2007. Abril mês da Páscoa. Abril do Dia do Pastor e da Pastora Metodista. Abril da chegada do reverendo Spaulding, primeiro missionário metodista no Brasil. Maio do Dia do Trabalhador. Maio do Dia das Mães. Maio dos 75 anos do Instituto Metodista Ana Gonzaga. Maio dos 119 anos da Abolição da Escravatura no Brasil. Maio dos 269 anos da experiência religiosa do Coração Aquecido de John Wesley. Maio dos 268 anos da conversão de Thomaz Maxfield. Maio dos 268 anos do lançamento do primeiro templo metodista em Bristol, Inglaterra. Maio dos 126 anos da chegada do missionário reverendo James Kennedy ao Brasil. Maio dos 118 anos da fundação pela Igreja Metodista dos EUA das Ligas Epworth, que mais tarde no Brasil passaram a chamar-se Sociedades de Jovens. Maio do Dia do Metodismo.

São muitas datas, muitas histórias, muitas reflexões possíveis num espaço que é pequeno. Por isso, a cada edição da Fé & Nexo temos tido o trabalho de selecionar temas, ênfases, fontes, autores, etc para preencher as páginas de nossa revista e apresentá-los à reflexão da Igreja. Nesta edição, o pastor Marcelo Carneiro, da Igreja Metodista do Lins, escreve um artigo sobre o suposto túmulo de Jesus amplamente divulgado pela mídia. Mais uma vez tenta-se provar que o sepulcro vazio é lenda. Ou seja, supostamente, se tivessem encontrado os restos mortais de Jesus, isso significaria que a ressurreição não existiu e que as narrativas do Evangelho – e praticamente de todo Novo Testamento – são infundadas. Afinal, se Jesus não ressuscitou é vã a nossa fé.

Destacamos também na presente edição a seção História Viva, que nos fala de uma mulher fabulosa: Suzana Wesley, a mãe de Carlos e John Wesley. O adjetivo se justifica por ser ela uma serva de Deus cuja vida revela uma mulher segundo o coração de Deus, dotada de sabedoria e à frente de seu tempo, seja por seu comportamento e atitudes, seja pelos seus pensamentos e orientações. Só não foi um instrumento maior nas mãos de Deus e na história da Igreja porque a sua época não permitia que mulheres tivessem um ministério além da própria família. Suzana era cabeça e não cauda (não vivia a reboque de seu tempo). O texto foi escrito pelo saudoso bispo Sante Uberto Barbieri, e faz parte do capítulo II do seu livro *Estranha Estirpe de Audazes*, publicado pela Imprensa Metodista e republicado no site da Biblioteca Metodista On Line (www.bibliotecametodista.org.br/artigosepublicacoes) onde pode ser lido e copiado gratuitamente.

Com esses dois textos e um terceiro que aborda a Experiência do Coração Aquecido de John Wesley, desejamos aos leitores uma feliz Páscoa e um feliz Dia das Mães. E que nossa história nos ajude a lembrar sempre de quem somos, de nossa tarefa missionária e de nosso ministério cristão. Que o mesmo Espírito que agiu, avivou e impulsionou o coração de John Wesley naquele 24 de maio de 1738 esteja agindo, unguendo e dirigindo nossas vidas e nossos ministérios, onde quer que a gente esteja, para a honra e glória de Deus. Com certeza, ser metodista é um dos melhores modos de a gente ser cristão. Aleluia!

Ronan Boechat de Amorim,
coordenador do Conselho Editorial do AVANTE

BOA DICA



Tirando o pó das palavras

Esta obra, de Técio Machado Siqueira, não é um dicionário bíblico, mas um esforço para equipar os leitores com uma análise de palavras e expressões da Bíblia a partir das perspectivas histórica e teológica. A intenção deste livro é fornecer ajuda a todas as pessoas que lêem e estudam a Bíblia com o desejo de crescer no conhecimento da Palavra de Deus

João Batista, o profeta precursor

Sem dúvida, o surgimento de João Batista teve relevância e significado especial para as comunidades cristãs primitivas: ele é o personagem histórico mais citado nos Evangelhos, depois de Jesus e Pedro. Nos quatro primeiros livros do Novo Testamento, João Batista cumpre o papel de precursor do ministério do Messias. A questão que deve ser considerada e comentada é: que nível de consciência tinham as comunidades cristãs primitivas da doutrina de João e em especial da sua própria?

A doutrina do profeta precursor, como um novo Elias, mencionada no interior do Evangelho (Jo 1.6-7, 15, 27, 30) baseava-se numa convergência de expectativas sobre a vinda do Messias, conforme ensinada pelos rabis (Mt 11.10). Em diferentes comentários, os rabinos mencionavam as profecias e as usando ensinavam que a vinda do Messias dependia do arrependimento e conversão.

Entre as diversas tradições está a do profeta precursor, mensageiro, preparador de um novo caminho de Deus em meio ao seu povo. Essa tradição foi também apropriada pela comunidade de João, ao ser este apresentado como profeta.

QUEM ERA JOÃO BATISTA?

Nós, que vivemos num país de forte influência católica romana, temos João

Batista afetado por essa cultura religiosa. O que se vê é o santo mártir sendo adorado como aquele que por sua fidelidade a Deus fora assassinado, decapitado por ordem de Herodes (Mc 6.16).

Mas, na verdade, João Batista era sem dúvida o último dos profetas ao estilo do Antigo Testamento. Suas semelhanças com Elias são notórias e reconhecidas (Lc 1.17), tendo sua história de nascimento semelhança com a de Sansão (Jz 13.2-25) e também com a de Samuel, pois tanto um como o outro nasceu de uma mulher estéril, o que aponta o nascimento como um milagre (1 Sm 1.5-28; Lc 1.5-25).

João Batista nasce cheio do Espírito Santo, e foi por orientação divina consagrado a Deus. Seu pai, que havia ficado mudo, por sua incredulidade, volta a falar quando do seu nascimento (Lc 1.62-64).

A figura de João Batista, ao iniciar seu ministério, impressionava. Era Barbudo; fizera, certamente, voto de Nazireu. Além disso, usava vestido de peles de camelo, alimentava-se de mel silvestre e era magro e musculoso (Lc 1.80).

Antes de vermos o seu testemunho, vejamos o que Jesus disse a respeito dele: “Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João:

Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele” (Mt 11.7-11).

O TESTEMUNHO DE JOÃO

“... o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim...” (Jo 1.15). Sem dúvida, Jesus é o primogênito de toda a criação. Tendo a primazia, Ele pede um reconhecimento disso. O anúncio de João Batista, além de colocar o Filho de Deus como o primeiro, apresenta-nos a graça divina (Jo 1.16).

Isso deve ter soado entre os judeus comuns como verdadeira “boa nova” e para os religiosos da sinagoga e do templo como uma grande heresia. Por isso, as embaixadas religiosas seguiram incumbidas de confrontar João Batista (Jo 1.1-19).

Quando pelo Espírito anuncia a vinda da graça sobre a graça, João Batista inaugura o Novo Testamento. A nova aliança de Deus com os seres humanos, o sacrifício de Jesus, o seu sangue, anula a sentença de morte (Rm 3.23; Rm 6.23).

Finalizando, a melhor ilustração da diferença da religião dos mestres de Israel e a religião ou fé anunciada por João Batista e vivida e ensinada por

Jesus é o episódio narrado no próprio Evangelho de João, no capítulo 8.

A DELEGAÇÃO DE JERUSALÉM

O contraste da mensagem de João Batista relida pelo apóstolo João e sua comunidade representava uma ruptura com o judaísmo oficial. Por isso, não é de se estranhar o envio da liderança do templo para interrogar João Batista. Sacerdotes e Levitas eram a liderança religiosa e política de Israel. No templo, governava o Sinédrio, presidido pelo sumo sacerdote e, por deferência do Imperador Romano, administrava as questões religiosas e os conflitos do cotidiano dos judeus.

Começava o julgamento de João. Na verdade, o que incomodava as autoridades do templo não era a pregação de João, mas o que ele representava para o povo. As multidões vinham para ouvi-lo e ser batizadas por ele. Para o povo, era notória a presença do Espírito Santo naquele lugar e sobre a vida de João Batista.

QUEM ÉS TU?

A essa pergunta dirigida a João Batista, ele respondeu: “Eu não sou o Cristo” (Jo 1.20). Na verdade, havia uma intenção maliciosa na pergunta, como de sorte era comum aos sacerdotes e mestres de Israel, tidos como mestres de lei.

A intenção era a de ver João Batista se autoproclamando o Cristo, o Messias esperado por todo o Israel. Com isso, o acusariam de usurpação, pois quem teria que reconhecer isso, segundo o ensi-

no rabínico, era a religião oficial, ou seja, sacerdotes e mestres da lei em Israel.

O que aprendemos aqui com João Batista? Acima de tudo, humildade e dependência de Deus. Hoje, em todas as igrejas locais, há, em algum momento, conflito causado por irmãos ou irmãs que lutam por reconhecimento, por posição no Corpo de Cristo. Tenho partilhado com pastores, diáconos, evangelistas a seguinte mensagem: não lute por ocupar posição no Corpo; siga o ensino de Jesus na parábola que fala dos primeiros lugares no banquete (Lc 4.7-14). Deixemos Deus nos colocar nos lugares que Ele quer (Jo 3.25-30). “Servos se humilham e esperam que Deus os exaltem.”¹

Temos dado o púlpito e microfone a pessoas que, possuindo carismas pessoais, convencem-nos a dar espaço e honra a elas. Cedo ou tarde, porém, decepcionamo-nos ao descobrir que elas não se faziam acompanhar de uma vida santa a qual confirmasse conhecer a Jesus de fato.

“EIS O CORDEIRO DE DEUS!”

Esse anúncio de João é importante e faz a ponte entre o Antigo e o Novo Testamento. Como sabemos, a Páscoa judaica era o grande evento e a maior festa religiosa de Israel. O cordeiro, seu grande símbolo (Ex 12.1-14). Tratava-se de um memorial da libertação do Egito. Por isso, no decorrer da história de Israel, a Páscoa tornou-se o momento histórico onde manifestações sobrenaturais de Deus eram esperadas, à semelhança do que ocorreria na primeira Páscoa.

Assim, quando João Batista vê a Jesus e o proclama como o Cordeiro de Deus, está falando numa linguagem muito próxima da crença do povo, ou seja, está com um pé no Antigo Testamento. Mas ele anuncia também a mensagem central do Novo Testamento: Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

O testemunho de João Batista não se encerra com o anúncio da salvação em Cristo Jesus. Tão importantes quanto a obra de salvação que Jesus veio realizar são as obras de capacitação da Igreja para a vida no Espírito Santo e de missões.

“POIS EU, DE FATO, VI...”

A essência do testemunho de João Batista foi falar do Filho de Deus. Mas é interessante dizer que muitas outras pessoas estavam perto de João Batista e de Jesus. Mesmo assim não perceberam, não viram o Filho de Deus.

O que faltava àquelas pessoas e o que havia em João Batista? A presença do Espírito, a capacidade de ver no nível da fé, na dimensão do Espírito de Deus.

¹ Wilkes, C Gene – O último degrau da liderança, Mundo Cristão, S. Paulo, 1999, p 46



Paulo de Oliveira Lokmann
Bispo da Igreja Metodista na Primeira Região Eclesiástica

24 de Maio: experiência religiosa de John Wesley e dia do Metodismo

Ronan Boechat de Amorim

Na Inglaterra do século XVIII, a Igreja sofria um grande descrédito, e a vida cristã estava em baixa. Por um lado, devido ao contexto racionalista daquela época, onde o desenvolvimento filosófico e científico havia feito a religião ser definida como uma mera superstição, coisa de gente pobre e ignorante, de mulheres e pessoas idosas. Por outro lado, a própria Igreja havia se corrompido, com os sacerdotes e líderes das Igrejas tendo um estilo de vida nada digno do Evangelho de Cristo. O bispo Francis Ensley afirma, por exemplo, que “o sermão da época era um ensaio moral, lido sem ardor”. O pregador seria o primeiro a se surpreender se alguém fosse salvo através de seu sermão. Se alguém se emocionasse, ele ficaria bastante aborrecido.

O bispo Ensley conta que foi no meio do “congelamento ártico” de tal época que o coração do reverendo John Wesley foi “estranhamente aquecido” naquela noite de 24 de maio de 1738, enquanto participava de um culto dos cristãos moravianos, na rua Aldersgate, em Londres. Num mundo onde o evangelismo era algo inadequado e



implausível, Wesley experimentou a salvação, tendo uma impactante e profunda experiência com Deus: “Senti meu coração estranhamente aquecido, cheio de ardor. Senti que meus pecados eram perdoados”.

A experiência do Coração Aquecido não foi uma conversão de uma vida devassa e sem Cristo ao amor de Jesus, nem a superação de uma vida cristã vivida na indiferença religiosa. John Wesley já era um cristão, sedento pelo Evangelho, insatisfeito com a sua vida espiritual e com seu ministério pastoral, e muito inconformado com a mediocridade espiritual do seu povo e da Igreja de seu tempo. Ele queria mais e

mais de Cristo, buscou ardente e perseverantemente. E naquela noite de 24 de maio foi grandemente abençoado, despertado, avivado e capacitado.

Esse momento na vida Wesley foi a resposta de Deus às suas orações por mais e mais de Cristo. Foi a vitória sobre os inimigos espirituais que o perturbavam e procuravam flagelar sua alma. Não foi a única experiência de Wesley com Deus, mas foi o momento de um crescimento espiritual significativo, que o ensinou a experimentar, confiar e a depender da graça de Deus em todo o tempo e por toda a sua vida.

Wesley nunca “endeusou” (supervalorizou) aquele momento de sua vida. À medida que o tempo passava, a experiência de 24 de maio parecia ter menos significado para Wesley, pois fatos novos aconteciam em sua vida. Mas a experiência religiosa do Coração Aquecido marcou o início do fim da religião legalista, ritualista, tradicionalista, individualista, sectária, teórica, apática, sem ardor espiritual, sem visão missionária, sem paixão pelas almas perdidas, sem desejo por santidade, etc.

A experiência de Wesley marcou o

fim da frieza emocional e o início de uma espiritualidade onde havia crescente satisfação da fé que age pelo amor. Deu o ardor espiritual e missionário necessário a ponto de inflamar e apaixonar Wesley para a tarefa evangelística. Ele disse: “Nada a fazer senão salvar almas”. Ou nas palavras do bispo Nelson Leite: “Evangelizar como um ato de amor, de dádiva, de identificação e solidariedade”. Evangelizar com o objetivo de “remediar a culpa, a ignorância, o sofrimento físico, a degradação social dos perdidos e dos pobres”.

E segundo o bispo Ensley, Wesley queria a conversão das pessoas, mas queria também a mudança de seu país, de seus costumes e valores. Converter os jogadores, mas mudar também as regras injustas do jogo. “As causas às quais o pai do metodismo se entregou além da evangelização foram a educação popular, a filantropia, a reforma social, a emancipação do negro e a paz mundial”. Assim, o metodismo de

Wesley e seus contemporâneos produziu “uma nova filantropia que reformou as prisões, infundiu clemência e sabedoria às leis penais, aboliu o tráfico de escravos e deu o primeiro impulso à educação popular”. Uma santidade que santifica tudo ao redor... que se espalha! E o bispo Ensley ressalta que tudo isso ainda deve ser do interesse dos metodistas de hoje, as causas das igrejas e de cada um dos seus crentes.

Para o bispo Paulo Ayres Mattos, “o metodismo afundou tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos e traiu a mensagem de santidade ao espiritualizá-la em termos introvertidos e individualistas, coisa que Wesley nunca foi, pois ele assumiu o risco de afirmar ‘o mundo é minha paróquia’ e ‘não existe outra santidade a não ser santidade social’. Usando uma figura de linguagem de Wesley: a santidade é uma árvore da qual a fé são as raízes e as boas obras são os frutos. Se não há raízes, a árvore está morta. Se não há frutos, a árvore está doente, é esté-

ril. É preciso frutificar a tempo e fora de tempo (Mc 11.12-14 e 20-22).

O maior medo de Wesley não era que o metodismo morresse, mas que se transformasse numa religião insípida, de braços cruzados, satisfeita com a realidade a sua volta. Ou seja, os “inimigos” do metodismo não estavam fora, mas dentro do movimento. Os “inimigos” do metodismo hoje não são os pentecostais (que na verdade são nossos irmãos!), nem são os não cristãos ou os ateus. Os maiores inimigos do metodismo não estão do lado fora da Igreja...

Os maiores inimigos do metodismo são os que se dizem “metodistas” mas não conhecem sua história nem se comportam como verdadeiros metodistas. Esses supostos metodistas são levados por todo tipo de fogo de palha, por metodismos teológicos, pelas corrupções doutrinárias, pelas alternativas religiosas modernas que se contrapõem à verdadeira fé bíblica e pelo desejo equivocado de crescimento numérico a qualquer custo, inclusive o de viver um cristianismo de oba-oba com coca-cola, sem cruz, sem vida comunitária, sem ardor missionário. Os outros maiores inimigos do metodismo são os “metodistas” enraizados na falsa segurança de uma religião tida como “ortodoxa”, mas que, muito pelo contrário, é uma religião legalista, ritualista, tradicionalista, individualista, sectária, teórica, apática, sem ardor espiritual, sem visão missionária, sem paixão pelas almas perdidas, sem desejo por san-



tidade. Trata-se de uma religião que não se emociona, que não traz satisfação dos sentimentos nem paz e segurança para a alma cansada e aflita, que é muito mais um peso do que um alívio dado pela maravilhosa graça de Deus. Ou seja, esses últimos ainda vivem a religião sem graça que tanto afligia o reverendo John Wesley antes da experiência do Coração Aquecido naquele 24 de maio.

Nós, metodistas, devemos conhecer a História do Metodismo. E, por extensão, descobrir por que o Espírito Santo levantou os metodistas. Sugiro inicialmente a leitura do pequeno livro *As marcas de um metodista*, escrito pelo próprio John Wesley, e também do livro *John Wesley, o evangelista*, escrito pelo bispo Francis Ensley. Acredito que, pela misericórdia de Deus, vamos descobrir quem somos e porque Deus nos levantou. E assim, em vez de gastarmos tanto tempo falando do que não somos e do que deveríamos ser, vamos efetivamente retomar nosso papel e serviço na História da Salvação e fazer parte ativamente da história de nosso bairro, da nossa cidade e de nosso país. Um verso do Hino do Metodismo nos desafia: “O trabalho já feito não basta, Deus conclama o seu povo à ação”. Não uma ação de heróis, mas de testemunhas de Cristo (Hb 12.1), pois o metodismo não é um movimento de heróis ou super-heróis, mas de Cristãos que são ao mesmo tempo objetos e sujeitos de



uma nova História (Ap 21.4-5). Não a história sem Graça da guerra e dominações, mas a história da graça que faz novas todas as coisas (Rm 8.18-25) pela qual a Criação espera gemendo com dores de parto (Rm 8.22).

Segundo o reverendo Wesley, os metodistas, para serem de fato metodistas, não podem ser pessoas omissas, indiferentes, amargas, introvertidas (voltadas para dentro), individualistas (voltadas para si mesmas), descompromissadas com a Igreja de Cristo, com a missão de Cristo, com o Reino de Deus. Ser metodista é ter um compromisso sacramentado (consagrado!), vital e radical com Cristo, seu Evangelho, seu Reino e sua missão. Vinte e quatro horas por dia em todos os dias da semana na dependência de Deus, no serviço (liturgia) a Deus e no serviço (ministério) ao próximo, por amor e em nome de Deus.

Não pode ser qualificado como metodista o cristão que não busca com todas as suas forças viver como o apóstolo Paulo (de quem carinhosamente podemos dizer que Wesley era um devoto discípulo e a quem podemos carinhosamente chamar “o protótipo do cristão metodista nas páginas do Novo Testamento”), quando ele disse: “se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos...” (Rm 14.8) e “já não sou eu quem vivo mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2.20). Ou como disse John Wesley: “Nada a fazer senão salvar almas”. “Importa que Cristo cresça e eu diminua” (Jo 3.30).

Que o Senhor nos abençoe e nos santifique com sua graça e seu Espírito Santo. Aleluia!

*** Parte deste texto está baseada no livro *John Wesley, o evangelista*, do bispo Francis Ensley, e com citações livres da referida obra.**

Descoberta de tumba não abala fé em Cristo Ressurreto

Rev. Marcelo Carneiro

Depois do reboiço causado pelo fictício texto do *Código da Vinci* e pelas especulações com o Evangelho de Judas, mais uma “novidade” tenta desfazer as crenças da Igreja. Trata-se da descoberta de uma tumba com vários ossuários, nos quais há inscrições que podem se tratar da família de Jesus, incluindo Maria Madalena e até um filho(!) de Jesus, Judá.

Na verdade, a descoberta em si nem foi tão grande assim. Ela ocorreu na década de 1980, em escavações na parte antiga de Jersualém, onde foi construído um condomínio. Nessa região, foram descobertas várias tumbas com ossuários, que são caixas de pedra calcária, com patna para criar uma proteção, e inscrições com o nome da pessoa que foi colocada em cada caixa. Segundo os arqueólogos, isso aconteceu durante cerca de 100 anos, até 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída pelos romanos.

Quem trouxe à tona a questão foi o cineasta James Cameron (diretor de *Titanic*), que investiu dois milhões de dólares na produção de um documentário sobre o assunto, junto com Simcha Jacobovici, jornalista e cineasta. Além disso, contaram com a consultoria de James Tabor, professor de Arqueologia da Universidade da Carolina do Norte,

EUA.

Segundo o documentário, a tumba de Talpiot continha, originalmente, 10 ossuários, nove dos quais ainda estão sob a guarda da instituição Israel Antiquity Authority (IAA – Autoridade de Antigüidades Israelense). Seis dessas caixas, datadas do primeiro século d.C., apresentam inscrições com nomes que constam do Novo Testamento — “Jesus, filho de José”, “Maria,”



“Maria Madalena”, “Mateus”, “José” e “Judas, filho de Jesus”. O último não aparece na Bíblia, apenas como discípulo – adulto – de Jesus. O documentário apresenta toda uma estrutura de análise montada, inclusive de DNA, para ver se de fato poderiam ser a família de Jesus de Nazaré. Por fim, mesmo não tendo provado nada de substancial, sugere-se que realmente se trata de Jesus, que teria casado com Maria Madalena, tido um filho com ela, chamado Judá, e que, se tivesse ressuscitado, teria sido apenas em espírito, e os ossos ficariam para trás. Ironicamente, eles “crêem” nessa possibilidade.

Vários pesquisadores importantes foram entrevistados durante o documentário, entre eles Frank Moore Cross, professor emérito da Universidade de Harvard, e John Dominic Crossan, um dos mais importantes pesquisadores sobre o Jesus Histórico na atualidade. Ambos apenas atestaram aspectos da trama, como decifrar os nomes escritos em aramaico nas caixas e o contexto histórico possível para elas. Mas não afirmaram categoricamente que se tratava de Jesus de Nazaré e sua família. Pelo contrário, eles indicaram que esses nomes eram comuns na época de Jesus.

Mas o que chamou mais atenção no

programa foi um outro momento em que o cineasta Jacobovici e o professor Tabor participaram de um debate com arqueólogos e teólogos. Concentrei-me nos arqueólogos, pois entendi que os teólogos iriam pensar como eu pensaria. Qual não foi minha surpresa quando os arqueólogos convidados criticaram duramente a produção.

Um deles, o professor William Dever, da Universidade do Arizona, e pesquisador já há algum tempo no Oriente Médio, afirmou que não é crente, nem tomou partido ao assistir ao documentário, mas procurou ater-se aos fatos. Ele questionou a abordagem arqueológica do documentário, que perpetua a idéia de que a arqueologia é uma “caça ao tesouro” e que a qualquer momento qualquer pessoa pode achar alguma coisa incrível que vai mudar a forma como vemos a História.

Ele colocou ainda que no documentário, ao contrário do que os cientistas fazem, as conclusões vêm antes das confirmações. Por fim, declarou que poderia se tratar sim da família de Jesus, mas não era provável.

Gostaria, então, de enumerar alguns equívocos históricos e bíblicos para que nós cristãos possamos dar resposta ao problema:

1 – Jesus era Galileu, de uma aldeia pobre (Nazaré), e seu pai morreu lá. Em três dos evangelhos os discípulos retornam à Galiléia após a ressurreição, sob orientação divina em dois casos (Mc 16.7; Mt 28.7). Realmente existiu uma igreja em Jerusalém (nar-

rada por Lucas em Atos), mas isso não significa que a família de Jesus tenha ficado lá. Aliás, depois de tudo o que passaram ali, não teria muito sentido ficar na cidade e serem alvo da perseguição dos líderes judeus (Tiago, filho de Zebedeu).

2 – Já tratei da questão de Jesus ter ou não se casado em artigo sobre o Código da Vinci. Mas isso parece não ter fim: a mim, pessoalmente, não me ofende a possibilidade de Jesus ter se casado. Desde o século XVI, por exemplo, é posição protestante que sua mãe Maria teve vários filhos e filhas depois dele (Mc 6.3; 15.40; Mt 13.55). Isso tem sido reafirmado por vários pesquisadores do Novo Testamento, sem prejuízo da relevância de Maria como mãe de Jesus. Então, polemizar em torno de um casamento de Jesus com Maria Madalena me parece coisa de menor importância, até porque cremos que ele era verdadeiramente homem, que o matrimônio é abençoado por Deus e que o sexo realizado dentro do ambiente matrimonial não é pecado. Então não há motivos para escândalo nesse caso. Só que o Novo Testamento se cala sobre o assunto, então é mais provável que ele não tenha se casado, por causa da singularidade de sua missão.

3 – Quanto à possibilidade de Jesus ter ressuscitado apenas em espírito, essa é uma heresia antiga, combatida pela Igreja, pregada por vários movimentos, entre eles o gnosticismo, o adopcionismo, o cerintianismo e o docetismo. Acreditar nessa hipótese é retroceder

quase dois mil anos na nossa teologia e afirmar que tudo o que ensinamos e cremos é mentira. Os autores do documentário usam, inclusive, 1 Coríntios 15.44 totalmente fora de contexto, parecendo que Paulo afirma que há um corpo material (físico) e outro espiritual (sem matéria). Isso é totalmente o oposto do que afirmam as Escrituras e o Credo Cristão, desde o século 2.

Concluindo, queria chamar a atenção para um texto que o próprio documentário veicula ao final da exposição: “O documentário que acabou de ser apresentado é uma produção de James Cameron em parceria com Simcha Jacobovici. O programa inclui algumas encenações. Cientistas e teólogos renomados não chegaram a um acordo sobre o significado dessa descoberta arqueológica, e as dúvidas permanecem. Convidamos os telespectadores a fazer suas próprias avaliações e interpretações.”

Para nós, deve ficar claro: essa descoberta e seu documentário em nada abalam os fundamentos da fé cristã. Nosso Senhor Jesus ressuscitou em carne e está assentado à destra do trono de Deus, conforme declaram as Escrituras, o Credo Apostólico e nossa doutrina. Se cremos nisso, é nessa convicção que devemos andar, “visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Co 5.7).

***Supervisor da área de Bíblia da Coordenação dos Núcleos, professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da UniBennett e pastor da Igreja do Lins.**

Susana Wesley: modelo de mãe, esposa e serva de Deus

Susana Wesley ocupou o vigésimo quarto lugar entre os filhos que o Dr. Samuel Annesley teve de seu segundo matrimônio. Nasceu ela em Londres, a 20 de janeiro de 1669. Recebeu educação fora do comum para uma mulher de sua época. Além da língua materna, estudou grego, latim e francês. De uma carta que seu esposo escrevera a seu filho Samuel em 1707, infere-se que ela não tinha conhecimento mui esmerado de latim. O pai, ao insinuar a seu filho que lhe escreva acerca de seus pensamentos mais íntimos, diz-lhe:

*“...eu te prometo segredo, que mesmo tua mãe de nada saberá, a menos que tu queiras que ela saiba, por isso seria conveniente que me escreveses em latim.”*¹

Provavelmente ela o havia esquecido por não usá-lo, pois o Dr. Fitchett diz que o conhecia em sua adolescência.²

Adornava-a uma inteligência brilhante e mente vivaz. Desde a infância manifestou interesse incomum pela teologia. Depois de ponderar os motivos que haviam suscitado as controvérsias entre os Dissidentes e a Igreja da Inglaterra, decidiu lançar sua sorte com esta. Contava, então, 13 anos de idade. Casou-se com Samuel Wesley na primavera de 1689 e trouxe ao mundo dezenove filhos no espaço de 21 anos. Sobreviveu sete anos além de seu es-

poso. No entanto, quando faleceu, alcançou a mesma idade que ele tinha ao morrer, isto é, 72 anos.

Nessa ocasião estava em Londres vivendo com seu filho John Wesley na chamada Fundição (local de cultos que John Wesley adaptara de uma velha fundição de canhões).

Certamente Susana foi uma das mais instruídas e inteligentes mulheres de sua época. O Dr. Fitchett assevera que “ela era, provavelmente, a mulher mais capaz de toda a Inglaterra em sua época”.³ Contudo, a grande glória de Susana não encontramos em seus conhecimentos intelectuais, e, sim, em seu poder de penetração e em sua sensibilidade espiritual. Temos de admirá-la, também, por sua consagração aos interesses e misteres do lar, pelo cuidado extremo que dedicou aos filhos, pela intensidade de sua fé e a paciente integridade com que soube enfrentar as diversas e contínuas provas de sua vida. Diz o Dr. Fitchett que lhe faltava veia humorística. Possivelmente isso fosse verdade, mas devemos recordar-nos de que era responsável por uma família numerosa, e que muitas vezes tinha de engenhar para alimentá-la, de modo particular quando o esposo estava no cárcere por causa das dívidas contraídas.

Estava sujeita a sofrer os desmandos do povo hostil, que, geralmente demons-

trava pouca ou nenhuma simpatia com sua família, e serenamente assistiu à reiterada prova e humilhação de ver o esposo ir para o cárcere. Demais, sua saúde era pobre, o que fez seu marido informar seu arcebispo: “Minha esposa está enferma a metade do tempo”.⁴ Nestas circunstâncias era realmente difícil conservar veia humorística!

Foi esposa exemplar e mãe modelo. Como esposa sempre esteve pronta para seguir o marido e secundá-lo em todas as ocasiões e provas. Por ele esteve disposta a submeter-se aos maiores sacrifícios e a defendê-lo de qualquer ataque que alguém ousasse fazer-lhe. Em todo sentido foi grande ajudadora, tanto em sua vida como em sua obra. Como mãe, extremou-se em dispensar aos filhos o melhor e mais nobre do que é capaz de oferecer a religião cristã. Talvez tenha sido mui severa e rígida em seus métodos educativos. Todavia, o importante é que adotou um método e, acima de tudo, um método digno dirigido para um fim elevado. Acostumava os filhos a ter horas marcadas para cada dever, e ela foi a única professora que cada um deles teve na aldeia de Epworth. Seu filho Samuel foi o único a quem providenciaram professor particular durante a infância.

Para Susana, o supremo no lar era a religião. Preocupava-se com extremo zelo pela educação religiosa dos filhos.

Esta foi a razão por que os filhos varões chegaram a ser personagens tão distintos e úteis para o mundo todo. Separava, além das devoções familiares, uma hora semanal para cada um deles. No ano 1712 escreveu a seu esposo:

*“Resolvi começar com meus próprios filhos e, portanto, me propus observar o seguinte método: Tomo, da porção de tempo que posso economizar cada noite, o necessário para discorrer com cada um deles, separadamente, acerca do que seja sua principal necessidade. Segunda-feira conversava com Molly, terça-feira com Hetty, quarta-feira com Mary, quinta-feira com Jacky, sexta-feira com Patty, sábado com Carlos e domingo com Elimia e Sukey juntas.”*⁵

Como vimos, a noite dedicada a João era a quinta-feira. Podemos imaginar a influência que isso teria sobre sua jovem vida. Foi nesse mesmo ano quando escreveu essa carta, que começou a ter reuniões em sua casa enquanto o esposo estava ausente durante vários meses. Surpreendentemente a frequência foi crescendo cada vez mais em número. Às vezes mais de duzentas pessoas vieram ouvir suas exortações e a leitura de 23 sermões. Duas vezes, por instigação do ajudante de seu esposo, ela recebeu do marido sugestão para que desistisse de dirigir tais reuniões, por achar que era conduta inconveniente para uma mulher. Não obstante, ela continuou adiante com esse costume. E respondendo à segunda carta, que sobre o assunto lhe escrevera o esposo, disse-lhe:

*“Se tu, sem dúvida, pensas que é conveniente dissolver esta assembléia, não me digas que desejas que eu o faça, porque isso não seria suficiente para satisfazer a minha consciência. Se assim for, envia-me tua ordem positiva, em termos tão completos e terminantes que me absolvam de toda culpa e castigo por haver descuidado esta oportunidade de fazer o bem, no dia em que tu e eu apareçamos diante do grande e terrível tribunal de Nosso Senhor Jesus Cristo.”*⁶

Diante dessa ordem inequívoca, Samuel Wesley nada mais disse, nem mencionou o assunto em cartas posteriores. Ela, portanto, continuou com as reuniões, o que conquistou para a Igreja a simpatia e o interesse do povo que por tantos anos antes se havia conservado alheio aos interesses religiosos. Desta maneira, trouxe ela grandes benefícios à obra do esposo, maiores do que este conseguira durante muitos anos de seu ministério ali. John e Carlos estavam em casa nesse período. Certamente que tais reuniões deviam ter deixado funda impressão em suas mentes infantis. Sua mãe estava iniciando-os numa prática que eles adotariam mais tarde em todo seu ministério: a de dirigir reuniões de caráter devocional e evangelizador fora da Igreja.

A educação religiosa que ela principiara em casa com cada um dos filhos não se interrompia quando eles saíam do lar por seus estudos ou outras razões. Continuava seu ministério maternal através de cartas. A leitura das cartas que

ela escrevia a seus filhos e a seu esposo nos seria de grande benefício, pelo profundo espírito de piedade que exala de todas elas. Através das palavras que traduziam seus pensamentos, vislumbramos a alma de uma mãe zelosa ajoelhada diante do Senhor, rogando por bênçãos permanentes a favor dos filhos. Exemplo do espírito que a incitava a escrever essas cartas encontramos no seguinte fragmento de uma que escrevera a sua filha Susana:

*“Tu sabes mui bem como te amo. Amo teu corpo e rogo ferventemente a Deus Todo-poderoso que to mantenha com saúde, que te conceda todas as coisas necessárias a teu bem-estar e sustento neste mundo. Entretanto, minha preocupação mais entranhável é por tua alma imortal e por tua felicidade espiritual. Não posso expressar melhor meu interesse nesse sentido, senão esforçando-me por instilar-te, a todo instante, aqueles princípios de conhecimento e verdade que são absolutamente necessários para que te empenhes em levar aqui uma vida virtuosa, que é o único que pode infalivelmente assegurar tua felicidade eterna.”*⁷

Ainda que muitas vezes estivesse impossibilitada de mover-se por suas freqüentes enfermidades, não se escusava de cumprir com sua obrigação de mãe cristã, e empenhava-se, então, em escrever longas cartas a seu Samuel, ou a John, ou a Susana, ou a Carlos. Mesmo depois que eles se casaram e eram portadores de graus acadêmicos, conti-

nuou seu ministério paciente e epistolar, exortando-os a viver sempre junto ao Senhor, e a servi-lo. De sua parte, freqüentemente ente os filhos a consultavam quando se lhes apresentava algum assunto importante para resolver. Mais de uma vez ajudou a John no desenvolver de seu movimento religioso. Especialmente útil foi seu conselho quando, nas Sociedades Metodistas, se iniciou a pregação leiga. Sua palavra, discreta e serena, muitas vezes evitou que seu filho John, levado pelo impulso do momento, tomasse resoluções precipitadas.

Vale a pena notar que atrás de cada grande homem da História, quase invariavelmente se descobre o grande, piedoso e amoroso coração de uma mãe consagrada.

Sua fé em Deus e em Cristo era maravilhosa. Nada, nem ninguém podia separar seu coração da companhia de Deus. Foi mulher que sofreu muito, mas tanto ela quanto seu esposo jamais olvidaram que Deus era sua fortaleza e salvação. Cria firmemente na eficácia da oração intercessória. Orava com seus filhos quando viviam a seu lado, e por eles quando se achavam ausentes, dedicando sempre muito tempo a suas devoções. Era muito organizada, meticulosa e severa em muitos de seus métodos. A esse respeito escreveu certa ocasião:

“Quando era jovem e dedicava demasiado tempo a diversões infantis, resolvi não gastar em passatempos nem um só dia, mais do que eu pudesse dedicar a minhas devoções pessoais.”

Alguém que a conheceu muito intimamente escreveu :

“A graça manifestava-se em todos os seus passos, o zelo se refletia em seus filhos e cada gesto seu expressava divindade e amor.”

Em seus empreendimentos era pertinaz e perseverante. Basta um incidente para ilustrar essa característica. Um dia o esposo havia estado observando-a enquanto ela instruía a um de seus filhos. Num dado momento interrompeu-a para dizer-lhe:

“Admira-me a tua paciência. Disses-te aquele menino vinte vezes a mesma coisa.” A isso ela respondeu: “Se eu me houvesse contentado em dizê-la somente dezenove vezes teria perdido tudo. Pudeste verificar que foi somente a vigésima que coroou meu trabalho.”⁽⁸⁾

É muito possível que sua religião pudesse parecer, às vezes, demasiadamente mecânica e formal. Entretanto, impregnava-a uma fé e esperança portadoras de muitas bênçãos morais e espirituais. Sem dúvida que é melhor ter um método, a não ter nenhum e esquecer-se dos ditames de uma vida religiosa. Por certo que o mundo é mais rico no que se refere aos valores morais e espirituais, pela vida que levou essa mulher piedosa e heróica, cujas virtudes se manifestara; me desenvolveram tão meritoriamente no seio de sua casa e família. Um dos estudiosos da história do metodismo fez sobre seu caráter este elogioso comentário:

“Tenho-me familiarizado com muitas mulheres piedosas e tenho lido sobre a vida de outras, mas de uma mulher como essa, completa e perfeita, nunca tenho ouvido falar, tampouco tenho lido que existisse e jamais tenho entrado em contato com uma de tal magnitude. Apenas Salomão descreveu no final de seus Provérbios a uma tal como esta, e adotando suas palavras, posso dizer: ‘Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas Susana Wesley a todas sobrepuja’.”⁽⁹⁾

Ela, em verdade, foi uma dessas almas que raras vezes passam entre nós, e cujas vidas exalam a íntima graça divina: amando, servindo e sofrendo em nobre silêncio. Bem-aventurada seja sua memória!

O Texto, do bispo Sante Uberto Barbieri, faz parte do capítulo II do livro *Estranha Estirpe de Audazes*

¹ Stevenson, G. J., Op. Cit. Pág. 104.

² Idem, pág. 15.

³ Stevenson, G. J., Op. Cit., pág. 16.

⁴ Fitchett, W. H., Op. Cit., pág. 18.

⁵ Citado de uma carta que ela escreveu a 6 de fevereiro de 1712, Stevenson, G. J., Op. Cit. pág. 195

⁶ Stevenson, G. J., Op. Cit., pág. 197, citado de uma carta que ela escrevera em 25 de fevereiro de 1712.

⁷ De uma carta escrita de Epworth, a 13 de janeiro de 1709 ou 1710, citada por Stevenson, G. J., Op. Cit. 281.

⁸ Wiseman, F. Luke, “Charles Wesley”, pág. 19.

⁹ Clarke, Adam Dr., citado por Stevenson, G. J., Op. Cit., pág. 230.



Campanha Nacional de Oferta Missionária 2007

**Essa missão
também é SUA!**
“Levai as cargas uns dos outros,
e assim cumprireis a lei de Cristo”
Gálatas 6.2

As doações coletadas no dia 20 de maio, terceiro domingo, serão destinadas à construção de templos e salas de Escola Dominical, e fortalecerão a Igreja Metodista nos estados do norte e nordeste do país. E as suas orações e mensagens de apoio fortalecerão a fé destes irmãos e irmãs que se dedicam à missão. Neste encarte, você poderá conhecer missionários(as) da Rema (Região Missionária da Amazônia), Remne (Região Missionária do Nordeste) e, também, as pessoas que se dedicam à missão internacional.



Lázaro Batista da Freitas



Augusto Pinto Silva Jr.



Bispo Marito e Ramon



**Recorte e adote um
missionário ou missionária:
ore e contribua com a missão
da Igreja Metodista**



Edelício J. S. dos Santos



Wilson Soares Dias



Davidson B. Nogueira



Davi dos S. Almeida



Davi Fenner



Cristiano H. L. Seto



Cláudio Gonçalves



Francisco Porto Júnior



Francisco Porto de Almeida



Francisco J. F. de Silva



Emanuel R. Almeida



Emanuel B. da Silva



Elido Fagundes Schirmer



Edson Davi O. Ramos



João Ribeiro da Silva



João Batista N. Medeiros



João Batista E. Veras



Izabela N. do Silva



Ivan Carlos C. Martins



Gláucia M. S. S. Oliveira



Fredérico F. Emmerich



Niseel Gomes da Cruz



Mário Lúcio de Saizze



Mário R. L. Monteiro



Maria M. Das Santos



Marco E. de A. Pedro



Lucrécia F. dos Santos



José Natal E. do Silva



Tarciso Lopes Monteiro



Silvine Rocha Oliveira



Samuel Laiz de Silva



Ricardo P. do Silva



Priscila A. das Santos



Pedro Alves de Paula



Paulo B. de Almeida



Elisete Ferreira Cardoso



Stuart Oliver Jr.



Invaldo Aguiar Chagas



Geraldo Felipo da Silva



Emerson V. da Oliveira



Carlos da Silva



Cleadir Durra



Bispo Adolfo E. de Souza



Antonio da R. Manteiro



Antonio C. Ferreira



André Luiz de Carvalho



Artêmio e Ana Glória



Jane M. Blackburn



Elies da Silva Pinz



Edna Maria A. Leal



Dimanei do Silva Lisboa



Dimarões da Silva



Dami Foustino de Souza



Deonísio A. dos Santos



Cize Menduca



Gideiti G. da Silva



Fábio C. dos Santos



Espedito de S. Pereira



Elisângela L. S. Hilron



Edmar L. de Silva



Echon Contória Serelinho



Etnaldo Alves da Silva



Laciono Soares Rêgo



Luiz Carlos S. Marques



Luiz Augusto C. Filho



Luiz R. Barbosa Neto



Kátia Maria Oliveira



Jesus Townsend Jr.



João Coimbra Filho



Osval Ferreira Benedito



Mario da Carmo P. Santos



Moísa Gomes da Oliveira



Márcia dos S. Suzuki



Merinice Hilron



Leo Sang Joon



Lunelvo Lúcio Ribeiro



Ulisses do Souza Lima



Sandro A. dos Santos



Raimundo F. do Souza



Raimundo K. T. Filho



Pedro Jorge G. Nagalhêdes



Paulo Prado Lima



Paulo de O. Franco



Carlos Jaime Bueno



Benedito Ervino Ferreira



Antonio Carlos S. Santos



Almoaz Moura da Silva



Adalberto Alves da Silva



Wonderly B. Lopes



Velir D. de Almeida



David Origazzo



Jaime Manteiro



Jorge Dominguez



Mercio e Ines



Estevão dos S. Cornfield



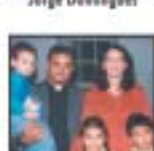
Gordon e Têcia



Lair Ferreira Vilagran



Helmut Rinders



Luy de Costa Bastos



Osvaldo Barbosa da Silva



Robert S. Newman



Marcos G. Torres



Jaimes e Cleair